

Catarina Botelho

Imagens que cumprem aquilo que queremos delas

SANDRA VIEIRA JÜRGENS | sandravieirajurgens@gmail.com

Catarina Botelho (Lisboa, 1981) expõe regularmente desde 2005 e representa uma nova geração de criadores que tem desenvolvido um percurso artístico muito interessante no campo da fotografia (ou do fotográfico). Em 2007, foi artista nomeada do Prémio BES Revelação e, realiza desde 2001, séries de imagens centradas no registo de pessoas e de objectos que espelham a simplicidade e a “intensidade tranquila” dos momentos de vida quotidianos.

arqla: O seu trabalho tende a registar situações do domínio do quotidiano, aspectos simples da intimidade, da esfera privada e actividades essenciais da vida, como dormir, comer. São fotografias que mostram figuras, pessoas, ambientes e objectos que configuram experiências e percepções sobre o dia-a-dia. É esta a base da sua obra? Há alguma razão especial que explique esse seu interesse?

Catarina Botelho: Sim, talvez seja esse tempo das actividades essenciais, o tempo e a presença dos corpos, o estar em relação com os outros, com os espaços e objectos. A Lynn Cohen, com quem tive algumas aulas, dizia qualquer coisa como: “ser artista, criar, é passar a vida a tentar agarrar uma coisa que continuamente nos escapa, e por isso continuamos a fazê-lo”. Identifico-me bastante com esta ideia.

arqla: Como é que elege o que fotografa? Os diferentes ambientes que regista em fotografia estão próximos do seu quotidiano?

CB: Fotografo coisas que estão presentes na minha vida, que fazem parte dela. De alguma forma, os trabalhos, surgem sempre de uma necessidade de apropriação. É a vontade de ter alguma coisa que me faz fotografar, trabalhar num projecto. Mas distingo duas atitudes na minha prática. Uma em que as imagens são realizadas em situações nas quais me encontro, e que fotografo por impulso. Daqui resulta o corpo central do meu trabalho, que realizo desde 2001, cujo exemplo mais recente são as imagens reunidas em “sem título (dias úteis)”. Noutros projectos, embora também fotografe realidades que fazem parte do meu quotidiano, existe uma atitude premeditada na abordagem aos objectos. Como por exemplo na série “Modo Funcionário de Viver”.

arqla: Sendo elas imagens da vida doméstica, não me parece haver contudo uma intensidade de revelação de algo que é por natureza mais secreto. Por outro lado elas também não reflectem a banalidade. Gostaria que me falasse um pouco desta ideia, que me parece importante na sua obra.

CB: Penso que em parte as minhas imagens são sobre a intimidade, sobre esse estar em intimidade, sendo que isso na nossa sociedade coincide, em geral, com a vida doméstica. Para mim essa vivência é o que há de mais interessante na existência, e é isso que me atrai. Embora sejam situações que vivemos quotidianamente, elas podem conter uma enorme força, por encerrarem o que há de mais essencial em nós e na nossa relação com os outros e com o mundo. Eu procuro a intensidade tranquila desses momentos.

Por vezes dizem-me, ou perguntam-me, se as minhas fotografias são sobre a minha vida, a minha intimidade, eu penso que não é disso que se trata. Tal como diz, não se revela nada de secreto. Revela-se sim algo que me parece de carácter mais universal.

arqla: A fotografia sempre teve uma relação muito afirmada com o quotidiano, mas no seu caso não parece ter a intenção de dar um peso histórico àquele momento. Tem preocupações documentais? O que é que a representação do quotidiano propicia? Serve a construção de um imaginário? Permite a partilha de situações, de vivências?

CB: Por um lado e primeiramente é uma partilha de um momento, que estou a viver, e que quero registar. Essa é a motivação primeira e uma necessidade. De alguma forma é uma necessidade de guardar estes momentos, não pela sua importância específica, mas pela sensação que os percorre, e que procuro. A sensação do encontro que está a acontecer, entre mim e o que estou a fotografar, o outro, o objecto ou o espaço. Talvez seja esta ideia do encontro, ou da busca dele, que depois une todas as imagens, todos os trabalhos que realizo.

arqla: De que modo fotografa? As suas fotografias são ocasionais, imediatas, instantâneas? Qual o espaço conferido à espontaneidade e à encenação na prática/produção fotográfica?

CB: O que me interessa é o que está a acontecer, o que observo, o que vivo. Nesse sentido não me interessa realizar uma prática baseada, no que se costuma chamar, fotografia encenada. Poderá dizer-se que são fotografias ocasionais, na medida em que fotografo apenas aquilo que está a acontecer, aquilo que já existe e observo. No entanto é raro tirar apenas uma fotografia, fotografo até o que está a acontecer deixar de me interessar, ou até ter que ir fazer outra coisa qualquer. A posteriori, faço uma escolha dentro dessas sequências de imagens. Para mim não existe uma fronteira assim tão definida entre encenado e não encenado. Há quem diga que uma fotografia passa a ser uma encenação a partir do momento em que a pessoa que é fotografada sabe que o está a ser. A única coisa que posso dizer é que não me interessa criar o que fotografo.

arqla: Nas suas fotografias depreende-se sempre o silêncio do quotidiano. É assim? Tem a intenção de criar essa atmosfera?

CB: Como disse há pouco, os momentos do quotidiano, essa vivência do tempo, são para mim o que há de mais interessante. Talvez esse silêncio, que existe nas fotografias, seja a procura de um tempo, um tempo que quero eterno, sem interferências, sem ruídos.

arqla: Os espaços interiores são igualmente uma constante na sua obra. Na última exposição que vi do seu trabalho, “Dias Úteis” (23 de Maio a 18 de Julho 09), apresentado num edifício pombalino desocupado na Rua Anchieta 31, ao Chiado, tornou-se ainda mais evidente o reforço da perspectiva “doméstica”, “interior” e “privada”



Catarina Botelho, "S/ título Manel a dormir", 2008, impressão jacto de tinta s/ papel de algodão, 92x126cm



Catarina Botelho, "S/ título Ynaie na cozinha", 2009, impressão jacto de tinta s/papel de algodão, 92x126cm

A Lynn Cohen, com quem tive algumas aulas, dizia qualquer coisa como: “ser artista, criar, é passar a vida a tentar agarrar uma coisa que continuamente nos escapa, e por isso continuamos a fazê-lo.” Identifico-me bastante com esta ideia.

do trabalho. Gostaria que me falasse das opções de montagem, da apropriação desse espaço ou, por exemplo, da opção de não utilizar molduras?

CB: O projecto da exposição “Dias Úteis” teve, como linha central, a ideia de um lugar que as pessoas percorressem, tendo um encontro simultâneo com o espaço e com o trabalho. No caso da série “s/ título (dias úteis)” queria que existisse apenas uma fotografia por divisão, criando um encontro de um para um, entre o visitante e cada fotografia; entre o visitante e a “pessoa” na fotografia, que é sempre só uma, ou os objectos, recriando um pouco o que se passa quando fotografo. Nesse sentido não me interessou, desde o início, um espaço de galeria. Queria um espaço com múltiplas divisões, que tivesse tido outras funções, mas não uma casa onde a presença doméstica fosse demasiado forte. Vimos alguns sítios, mas quando eu e a Filipa Valladares, a curadora da exposição, visitámos o prédio da Rua Anchieta, achei logo que era perfeito para o projecto. Interessou-me o facto de se perceber, e saber pela história, que o espaço teve uma função habitacional, mas isso já não ser muito visível. A última função do espaço foi como escritório da Livraria Bertrand.

Pensei a exposição como um percurso pelo espaço, que se desenrolava em três pisos, numa subida, percorrendo as três séries.

Depois existiram algumas directrizes que segui na montagem da série “dias úteis”: para além de uma fotografia por divisão, interessou-me que a fotografia tivesse uma proximidade com o ambiente da sala, o exemplo mais óbvio foi procurar colocar imagens de pessoas a dormir em salas mais escuras e silenciosas; fazer corresponder o tipo de iluminação e direcção da luz nas fotografias, com as do espaço expositivo, colocando as imagens que foram fotografadas com luz artificial nas salas interiores, iluminadas artificialmente, e as imagens fotografadas com luz natural nas salas com janelas. Em ambos os casos procurei sempre que as direcções das entradas de luz do espaço fossem coincidentes com as da imagem.

A série “Modo Funcionário de Viver” ficou naturalmente no sótão, uma divisão inteira, que tinha uma carga mais privada.

Estávamos perante um espaço não tradicional de exposição, que se alterava muito de divisão para divisão, umas muito degradadas, onde o chão tinha sido arrancado, e as paredes misturavam diferentes cores, outras completamente pintadas de branco e com o chão envernizado, etc. Senti que não podia ter ali imagens emolduradas porque isso ia criar uma distância entre o trabalho e o espaço demasiado grande. Pensei que o facto de as imagens não terem moldura contribuía, por um lado para intensificar a relação individual de cada uma com o espaço que integrava, aproximando-os, mas também despir a exposição de uma carga formal, de um simples depósito das imagens sobre uma parede. A opção foi de assumir a relação do trabalho com aquele espaço, como parte integrante do projecto expositivo.

arqla: Tem alguma preocupação com o rigor formal da fotografia?

CB: Penso que a preocupação formal surge naturalmente, juntamente com aquilo que quero registar. O que me motiva a fotografar, o que me chama atenção pode ser um gesto, ou a posição de um corpo; a forma como a luz incide numa superfície; as cores de uma roupa ou de uma parede; procuro um encontro que se dá entre estes factores, e entre mim e a pessoa ou o objecto fotografado. Preocupo-me, quando escolho uma fotografia, se essas coisas que me fizeram pegar na máquina estão lá, se funcionam, se a imagem se cumpre enquanto tal.

arqla: Existem fotografias perfeitas ou determinadas características que possam ajudar a definir o que é a boa fotografia?

CB: A ideia de uma fotografia perfeita não faz para mim grande sentido. Penso que existem imagens que cumprem aquilo que queremos delas e, nesse sentido, talvez sejam perfeitas para nós que as realizamos. ■



Catarina Botelho, “S/ título quarto”, 2009, impressão jacto de tinta s/papel de algodão, 92x126cm



Catarina Botelho, “S/ título bancada da cozinha”, 2008, impressão jacto de tinta s/ papel de algodão, 60x80



Vista de instalação - Exposição Dias Úteis – “S/ título João sentado na cama”, 2008



Vista de instalação - Exposição Dias Úteis - série “Modo Funcionário de Viver”, 2008